

MÉDICOS DOS POBRES

Jorge Cardoso

Marcelo Abreu
Da equipe do Correio

No princípio, há mais de cinco anos, ele atendia num barracão alugado em Ceilândia. No mesmo espaço, funcionava também uma igreja. Em meio a catequesis e aulas de crismas, pacientes carentes iam ao seu encontro. Mas o desejo de ter um lugar maior, onde pudesse atender mais pacientes, era sua meta. Começou aí a peregrinação de Amauri Pires Lucas, 43 anos. Pediatra com formação homeopática, esse paulista formado pelo Universidade de Brasília em 1973 sempre foi um obstinado.

Bateu em várias portas. Insistiu mas, literalmente, elas não abriram. Ficava na ante-sala. "Fui à procura de políticos influentes, de empresários da construção civil e nada", lembra, sem mágoa, o médico.

Um belo dia, em Samambaia, Amauri viu o Parque Três Meninas, uma antiga chácara que foi transformada em área ecológica pelo governo do Distrito Federal. "Ali, tive a esperança de que poderia tocar meu projeto", conta. Em fevereiro de 1995, ele apresentou a proposta à Administração da cidade. "E o administrador Jacques Pena cedeu-me o lote", lembra.

Veio então a segunda batalha. Como construir? Um grupo de esposas de diplomatas alemães se propôs a ajudá-lo, realizando eventos sociais benéficos, jantares, leilões. Em pouco menos de dois meses, os re-



O pediatra Amauri Pires Lucas sente-se realizado ao atender a população de Samambaia, gratuitamente. É auxiliado por mais dois médicos e três terapeutas, todos em serviço voluntário

cursos começaram a chegar.

Hoje, o Instituto de Saúde Integral de Samambaia (Isis) atende a todos gratuitamente, vive de doações e seus funcionários, três médicos, três terapeutas e uma secretaria, não recebem um centavo pelo trabalho. "Todos nós somos voluntários", diz Amauri.

"As pessoas que nós atendemos são muito sofridas e é gratificante você amenizar a dor que elas sentem", confirma o acupunturista Márcio Oliveira.

"Cada paciente que chega aqui

tem uma história diferente. Nós trabalhamos muito com o lado emocional deles. Quando eu venho para cá, esqueço do mundo", revela Antonia do Nascimento, terapeuta de florais de Bach.

HISTÓRIAS E DRAMAS

Às seis horas da última quarta-feira, Domingo Lucas de Almeida, um vigilante aposentado de 60 anos, foi um dos primeiros a chegar. Saiu da Expansão do Setor O e foi pela primeira vez tentar alívio para um tumor no pé esquerdo. "Dói tanto

que às vezes não consigo nem andar. Já fui a vários hospitais e não me atenderam. Há anos tento marcar cirurgia no hospital de Ceilândia, mas não consigo", queixou-se.

A esposa de Domingo, Belmira José Martins, 55 anos, foi quem o convenceu a ir ao Isis. "Tô aqui pela segunda vez por causa de um problema na costela, o médico me deu uns remedinhos (floral de Bach) e melhorou bastante", diz.

A felicidade da dona de casa Nilva Silva, 24 anos, mãe de Gabriel André Silva — que nasceu com pa-

ralisia cerebral — é constatar que a cada dia ele está "mais esperto". Todas as quartas-feiras e sábados, Nilva leva Gabriel para sessões de acupuntura. "Ele tem comido melhor e o sono está mais regular", comemora.

O pediatra se diz realizado com o trabalho que desenvolve. "Você não faz nada sem acreditar numa força maior, que é Deus", diz Amauri, que faz questão, entretanto, de explicar que o Instituto não tem vínculo religioso.

Planos para o futuro? "Claro. Te-

mos a intenção de criar um ambulatório de ginecologia e obstetrícia, assim como um laboratório de raiox e ecografia", planeja.

Fazendo uma avaliação sobre seu trabalho e sua vida, Amauri diz que o que mais lhe gratifica é ver pacientes que chegam doentes, voltarem para dizer que estão bem.

As doações continuam sendo bem-vindas. O Instituto precisa, com urgência, de uma linha telefônica. Quem puder ajudar, pode ir ao Parque Três Meninas, em Samambaia, na QR 609.